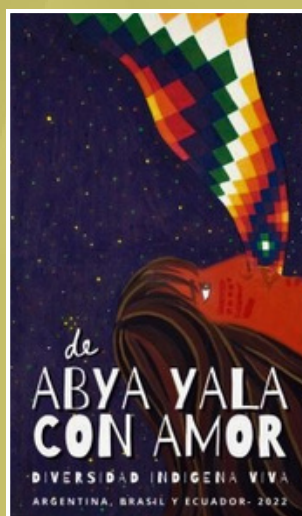
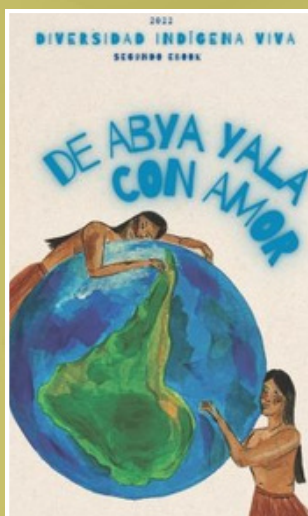


IMPACTO SISTÊMICO:

10 DIMENSÕES DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL



ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

Uma sinfonia alinhada com: os ODS da ONU, os Direitos Culturais da UNESCO e o Plano Nacional de Cultura 2025-2035



INTRODUÇÃO

Nossa tecnologia social opera em múltiplas dimensões, produzindo impacto sistêmico que transcende a esfera individual e alcança transformações estruturais. Este documento apresenta 10 dimensões complementares do impacto gerado em 24 anos de atuação, alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (**ODS-ONU**), ao Plano Nacional de Cultura (**PNC 2025-2035**) e aos **Direitos Culturais da UNESCO**.

Abordagem Conceitual: Cultura como Direito Fundamental

Assim como hospitais públicos não precisam ser autossustentáveis e escolas públicas não precisam gerar lucro, a cultura é um direito fundamental — não um produto de mercado. Nossa tecnologia social garante:

- **Direito de CRIAR (ser autor da própria narrativa)**
- **Direito de FRUIR (acesso à produção e difusão cultural)**
- **Direito de EXISTIR (reconhecimento oficial e social)**

Esta abordagem está ancorada na Declaração Universal sobre Diversidade Cultural da UNESCO (2001), na Convenção sobre Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005, ratificada pelo Brasil), e no **Plano Nacional de Cultura brasileiro, que reconhece a cultura como "elemento essencial para o bem viver e para o desenvolvimento justo, inclusivo e democrático do país."**



DIMENSÃO 1:

RECONHECIMENTO ÉTNICO

Povos invisibilizados tornados visíveis

O Brasil negou radicalmente sua história e identidade indígena até a Constituição de 1988. Durante séculos, prevaleceu a narrativa colonial de que "não há mais índios" ou de que os povos indígenas estavam "aculturados" e, portanto, deixavam de existir. Essa negação sistemática produziu invisibilidade: povos inteiros não eram reconhecidos, ficando sem acesso a direitos fundamentais.

A partir do ano 2000, os avanços dos povos indígenas em reconhecimentos tornaram-se significativos. Esse processo não foi isolado — foi fruto da luta histórica do movimento indígena brasileiro, somada a diversas iniciativas de apoio, entre elas nossa tecnologia social.

Em 2001, Thydêwá, junto com o Povo Tumbalala, produziu o livro "Índios na Visão dos Índios: Tumbalala" e o lançou de forma massiva em agosto, enviando cópias a todas as instâncias de poder e pessoas influentes. O próprio cacique levou exemplares à FUNAI, ao Ministério da Justiça e a outros órgãos. Em dezembro de 2001, o Estado brasileiro reconhece oficialmente o Povo Tumbalala.



Nossa tecnologia social atua nessas três frentes simultaneamente: ao publicar livros de autoria indígena, promovemos reconhecimento social (visibilidade pública), fornecemos documentação robusta para reconhecimento oficial (evidência de identidade e continuidade cultural), e contribuímos para o respeito e valorização das culturas indígenas (educação intercultural).

Thydêwá trouxe e traz visibilidade para a realidade indígena expressa pelos próprios indígenas.



DIMENSÃO 1:

RECONHECIMENTO ÉTNICO



Nós não somos um povo ressurgido como dizem, sempre existimos, só que com muito medo, cheios de barreiras, mas vamos recuperar nossas terras e aqueles parentes que hoje estão em Ilhéus catando lixo pra sobreviver vão poder voltar e criar suas roças. Muitos parentes que têm uma terrinha doa para outros parentes um pedacinho de terra para se acomodar, mas queremos o que é nosso. Aqui estamos muito isolados, sem telefone, sem eletricidade, sem acesso de carros. Enquanto tiver vida vou lutar, por mim, por meus parentes, por nossos filhos e netos. **Jamopoty é o meu nome** indígena, que significa Florescer. Eu quero recuperar nossas terras para a gente ver muitas flores. Aqui tem muitas pessoas que não têm o que comer, mas aqui a gente não pode receber comida, tem que receber nossa terra para depois colher nossa comida.



ÍNDIO QUER RESPEITO

foi uma campanha realizada pelo povo Tupinambá com a coordenação da Thydewá e o patrocínio da Ford Foundation, através do Centro de Estatística Religiosas e Investigações Sociais (CERIS) pela qual os índios sensibilizaram mais de 15.000 pessoas sobre o valor da diversidade cultural, em março de 2003. Um trabalho contra a discriminação racial que recebeu o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a Prefeitura de Ilhéus e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).



“O problema foi que os brancos começaram a tomar a terra dos índios. Eles botavam uma venda, usavam a cachaça, aí o índio chegava e eles diziam: caboclo você está me devendo e eu vou ficar com seu lugar.” Pedro Bráz

“Quem domesticou os índios aqui foram os jesuítas, impondo o catolicismo, por isso hoje estamos resgatando, conseguimos que o governo reconheça nossa aldeia e agora estamos lutando para demarcá-la.” Leila Bráz

“Aqui foram tirando a cultura do índio, obrigando a falar o português, agora nós estamos resgatando e projetando a cultura indígena: conversando com os mais velhos e passando para os que vêm nascendo.” Pedrisa Bráz

Realização: **THYDEWÁ**

O resultado da venda dos livros será revertido em benefício das comunidades indígenas.

Patrocínio: **bompreço** **FAZ CULTURA** **GOVERNO DA BAHIA** **UNESCO**

"Índios na Visão dos Índios", a cada livro que faz, está fortalecendo três direitos trazidos explicitamente pela **UNESCO** na Declaração Universal sobre Diversidade Cultural (2001): o Direito à identidade cultural; o Direito à memória e ao patrimônio cultural; e o Direito de participar da vida cultural.

✓ PNC 2025-2035 – Transversalidade Culturas Indígenas: "Políticas reparatórias e ações afirmativas."

ODS:





DIMENSÃO 2:

RECONHECIMENTO TERRITORIAL

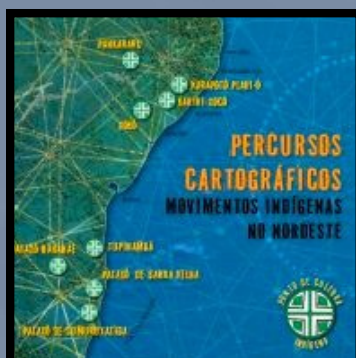
A Terra é nossa Mãe

O reconhecimento social e étnico, por si só, não é suficiente para salvaguardar uma cultura indígena. Sem território, não há cultura. A terra é a base da existência física, espiritual e cultural dos povos indígenas — é onde se pratica a língua, os rituais, a agricultura tradicional, a medicina ancestral. É o espaço onde a cosmologia se materializa e onde a memória coletiva se enraíza.

No Brasil, a luta pela demarcação e reconhecimento territorial é uma das mais difíceis e violentas enfrentadas pelos povos indígenas. Processos de demarcação podem levar décadas, e a produção de documentação robusta que comprove ocupação tradicional, continuidade cultural e vínculo ancestral com o território é fundamental.

Nossa tecnologia social, ao produzir livros que documentam a relação dos povos com seus territórios — narrando histórias ancestrais, descrevendo lugares sagrados, registrando práticas tradicionais vinculadas à terra — fornece evidência documental de ocupação tradicional e continuidade cultural, fortalecendo processos de reconhecimento territorial.

O povo Tupinambá participou de forma protagonista na produção de múltiplos livros que documentaram sua história, cultura e reivindicação territorial explícita:



Há quinhentos anos atrás, os portugueses invadiram nossas terras, deram o nome de Brasil ao nosso território ancestral e apelidaram os nativos de índios, achando que tinham chegado à Índia. Al começou toda a desgraça contra os povos nativos, contra os verdadeiros guardiões dessa terra. Os portugueses enganaram, mataram, escravizaram, estupraram nossas índias e dizimaram muitos povos.

Para os povos que não morreram, os portugueses forçaram muita coisa: não falar mais nossa língua materna, vestir roupas e não fazer mais nosso ritual sagrado, ou seja, queriam descaracterizar um povo que sempre teve sua própria cultura.

Hoje, exigimos nossos direitos, que sabemos que temos, desde muito tempo, bem antes da invasão. Também queremos lembrar que a Constituição Brasileira garante os nossos direitos de demarcação, homologação e desintrusão em todo nosso território tradicional e ancestral. Em pleno século 21, nós, Tupinambá de Olivença, ainda sofremos discriminação, preconceito e até ameaça de morte. Sempre tivemos nosso jeito de viver e, até hoje, não somos respeitados pelos invasores. Agora, os fazendeiros e o resto dos coronéis, falam que vivem nessa terra há 80 anos, mas eles esquecem que bem antes de Pedro Álvares Cabral invadir o Brasil, nós, nativos, da etnia Tupinambá, já habitávamos essas terras.

Governo, fazendeiros e coronéis não falam dessa dívida que têm com o povo Tupinambá de Olivença. Lembremos que em 1560, Mem De Sá ordenou que matassem todos os Tupinambá de Olivença. Historicamente, esse ato ficou conhecido como a Batalha dos Nadadores, no rio Cururupe - que significa rio dos sapos. Mas também ficou conhecido como rio de sangue, porque a água do rio ficou vermelha como sangue. Centenas de corpos de guerreiros Tupinambá foram colocados, enfileirados, no meio da praia. Quem não morreu, fugiu.

Todos que fazem o mal contra nós, Tupinambá de Olivença, precisam saber que das árvores que eles derrubaram, ficaram muitas sementes e essas sementes brotaram e vem brotando a cada dia que passa.

Kaluana Tupinambá
«kaluana.tupinamba@gmail.com»
Para seguir a história: www.indioonline.net

A História do povo **TUPINAMBÁ** **DE OLIVENÇA** que não está nos livros

- 2003: "Tupinambá - Índios na Visão dos Índios" (ISBN 85901957-5-9, 3.000 exemplares, parceria UNESCO + Bompreço + FazCultura-BA)
2008: "Nós Tupinambá - Índios na Visão dos Índios" (ISBN 978-859019-5, 2.000 exemplares, parceria BNB + MinC + UNESCO)
2009: "Les indiens vus par les indiens" (em francês, 1.000 exemplares, parceria La Maison des Droits de l'Homme + Conseil Régional Limousin) — 5 etnias
2011: "Somos Patrimônio" (1.000 exemplares, parceria IPAC-BA) — 10 etnias
2012: "Memória" (1.000 exemplares, parceria IBRAM) — 7 etnias ... E MAIS LIVROS!!



CONTRIBUIÇÃO AMPLA DA TECNOLOGIA SOCIAL:

Documentou a relação de povos indígenas com seus territórios: Narrativas de origem vinculadas a lugares específicos; Descrição de locais sagrados e cemitérios ancestrais; Práticas agrícolas, extrativistas e de manejo ambiental tradicional; Mapas culturais; Registros fotográficos de ocupação tradicional; Reivindicações territoriais explícitas dos próprios povos

Terra para viver em paz

Em Fevereiro de 2002, nós, os Tupinambá, fomos reconhecidos oficialmente.

Vivemos hoje organizados em 22 comunidades e mais uma outra comunidade, a Serra do Padeiro, que tem seu próprio cacique. Todos juntos lutamos pela demarcação de um território único.

A situação dos Tupinambá desde 2002 p'ra cá piorou. Nossos jovens estão cada vez mais saindo da aldeia e indo para as cidades achando que lá vão viver melhor, porque nós cá não temos nenhuma terra oficialmente demarcada para nós.

Nós lutamos para que essa demarcação aconteça rápido, porque com ela vai melhorar a condição de vida de todas as famílias Tupinambá, tanto as que têm seu pedacinho de terra como as que não têm nada.

Cacique Jamopoty

16 PAZ, JUSTIÇA E
INSTITUIÇÕES
EFICAZES





DIMENSÃO 2:

RECONHECIMENTO TERRITORIAL



Em outubro de 2008, a Thydêwá levou uma delegação de indígenas do Nordeste, incluindo Yakuy Tupinambá, à Europa para incidência política internacional.

13 de outubro de 2008: Participação na reunião da Sous-Commission des Droits de l'Homme du Parlement Européen em Bruxelas, Bélgica.

Em 17 de novembro de 2025, o Ministro de Estado da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, assinou a Portaria nº 1075/2025, que declara de posse permanente do Povo Indígena Tupinambá a Terra Indígena Tupinambá de Olivença, localizada nos municípios de Ilhéus, Buerarema e Una, Estado da Bahia.

Território reconhecido: 47.376 hectares

A tecnologia social "Índios na Visão dos Índios" documenta sistematicamente o vínculo ancestral dos povos com seus territórios, fortalecendo processos de reconhecimento territorial. A luta dos Tupinambá — de 2003 a 2025 — demonstra que livros são instrumentos políticos de luta por justiça fundiária.

ODS:





DIMENSÃO 3:

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Lei 11.645/2008 — Indígenas ensinam sobre si mesmos

A Lei 11.645/2008 tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena em todas as escolas brasileiras. No entanto, a lei sozinha não garante sua implementação efetiva. O grande desafio sempre foi: como ensinar sobre povos indígenas de forma respeitosa, atualizada e protagonizada pelos próprios indígenas? Durante décadas, crianças e jovens brasileiros aprenderam sobre "índios" através de livros didáticos escritos por não-indígenas, cheios de estereótipos, informações desatualizadas e visões coloniais. A narrativa era sempre externa: falava-se **SOBRE** os indígenas, nunca **COM os indígenas**.

Nossa tecnologia social inverte essa lógica: os indígenas falam por si mesmos. Ao produzir livros de autoria indígena e promover encontros presenciais entre autores indígenas e estudantes, oferecemos às escolas brasileiras material didático e paradidático autêntico, atual e protagonizado pelos próprios povos. Os livros entram nas salas de aula, os autores indígenas visitam escolas presencialmente, e estudantes não-indígenas têm acesso direto a vozes, saberes e perspectivas indígenas.

+10.000 estudantes não-indígenas tiveram contato direto com autores indígenas. Crianças e jovens brasileiros aprendem sobre indígenas de forma respeitosa, atualizada e desmistificada. Redução de estereótipos e preconceitos.

Formação de cidadãos com consciência sobre diversidade cultural. Crianças indígenas se veem representadas positivamente em materiais escolares.

Fortalecimento de autoestima e orgulho identitário. Implementação efetiva da Lei 11.645/2008

Material de qualidade disponível gratuitamente para rede pública de ensino. Modelo replicável para outras redes escolares e secretarias de educação



[Leia este relatório](#)





DIMENSÃO 3:

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL



CONTRIBUIÇÃO AMPLA DA TECNOLOGIA SOCIAL:

Material didático e paradidático produzido:

33 livros publicados documentando 44 etnias diferentes

42.000 exemplares impressos distribuídos gratuitamente

Maioria dos livros disponíveis em PDF online para download gratuito

Adoção em livros didáticos oficiais:

13 livros didáticos de editoras como Moderna e FTD incluem citações, referências ou trechos dos livros "Índios na Visão dos Índios"

380 citações em teses e dissertações acadêmicas

Formação de educadores:



Cartilha para Educadores



ebook 11.645 Indígenas e Diversidade para a Paz

Visitas escolares:

+100 escolas +30 universidades visitadas por autores indígenas em 24 anos.

A tecnologia social "Índios na Visão dos Índios"

Garante educação inclusiva, equitativa e de qualidade, promovendo aprendizagem ao longo da vida para todos. A educação intercultural é essencial para uma educação de qualidade que respeite diversidades. Quando um autor indígena entra numa sala de aula e conversa diretamente com estudantes, ele semeia a Cultura de Paz. Todos merecem uma educação antirracista, uma educação de qualidade.

ODS





DIMENSÃO 4:

INTEGRAÇÃO CONTINENTAL

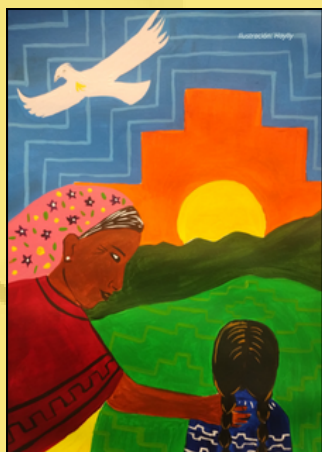
Diversidade viva como caminho para a paz

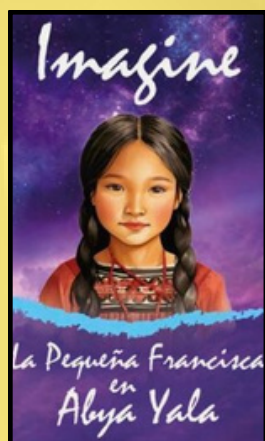
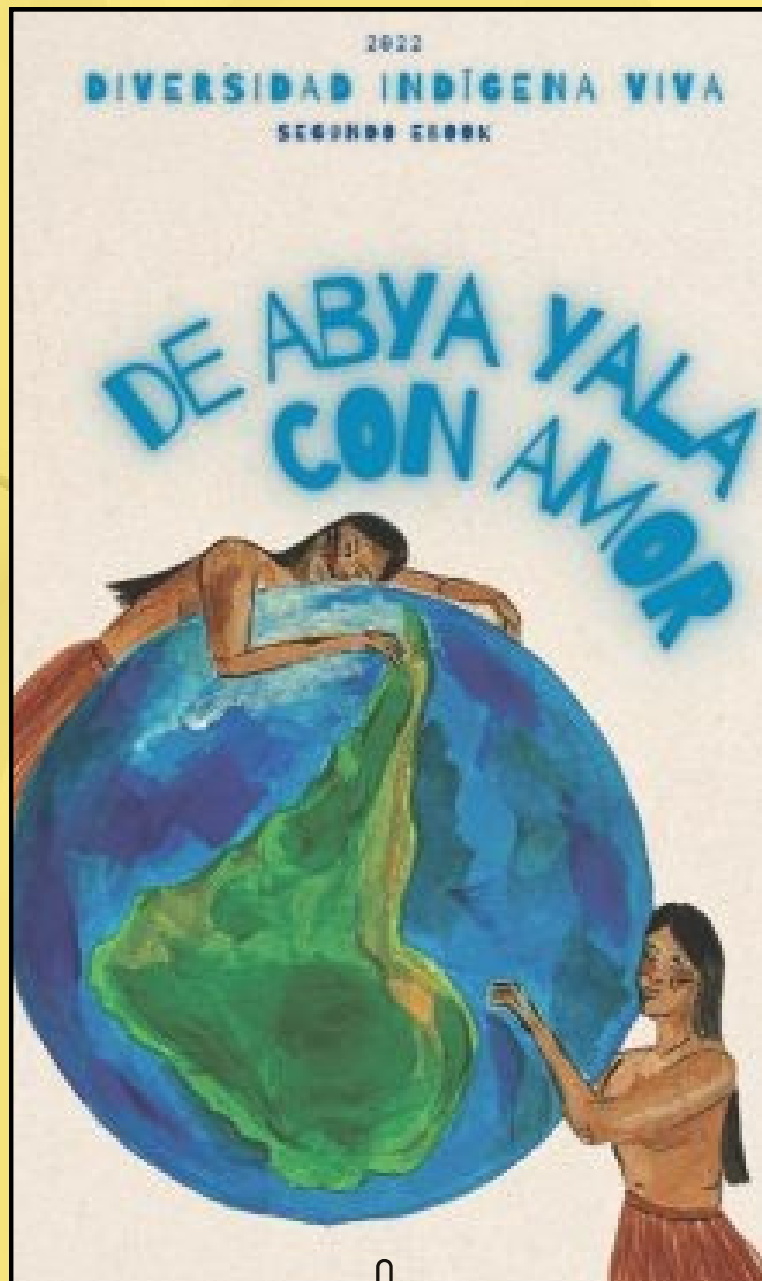
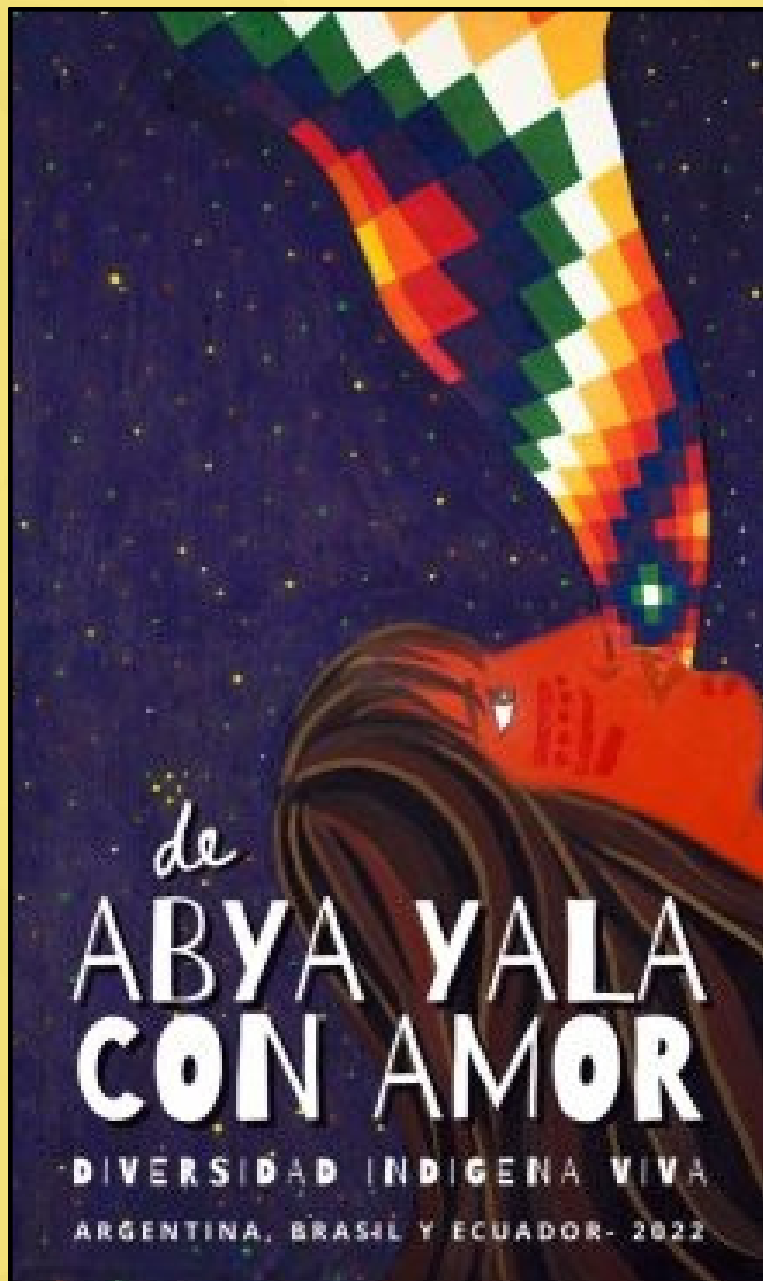
A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 4º (parágrafo único), estabelece que **"A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações."** Mais do que um princípio diplomático, essa diretriz reconhece que a verdadeira integração continental não se faz apenas por acordos comerciais ou tratados políticos, mas pelo **diálogo entre culturas**, pela **cooperação entre povos** e pelo **reconhecimento da diversidade como patrimônio comum da humanidade**.

A UNESCO reforça essa visão ao afirmar que **"num mundo globalizado, onde as sociedades se interligam e se misturam, o diálogo intercultural é uma necessidade vital, para vivermos melhor juntos na nossa diversidade."** A fraternidade humana, como princípio universal, **"vai além-fronteiras, etnias, línguas e crenças, reconhecendo que todos partilhamos um vínculo essencial e o direito à dignidade, liberdade e igualdade."**

Nossa tecnologia social **"Índios na Visão dos Índios"** produziu **05 livros de forma colaborativa** unindo indígenas de **8 países**: Brasil, Argentina, Chile, Equador, Colômbia, Bolívia, México e Venezuela. Livros que materializam essa integração continental ao conectar povos indígenas de diferentes culturas e latitudes **cocriando juntos**. Não é integração imposta de cima para baixo, mas **construção horizontal entre iguais**, onde cada cultura contribui com seus saberes e todos aprendem uns com os outros.

A diversidade não é obstáculo — é o caminho para a paz.





Clicando nas capas, acessa-se aos livros.



Estes livros são fruto de 300 horas de diálogos interculturais via Fogueiras Digitais (metodologia da Thydewa para cocriação colaborativa via Zoom).

Cada povo contribui com narrativas, ilustrações, saberes e perspectivas, cocriando obras multiétnicas, multilíngues e multiculturais, com distribuição gratuita. Criou-se uma rede de cooperação sul-sul com mais de 100 indígenas.

Com o PNC 2025-2035, Diretriz 15, Fomentamos a cooperação internacional em cultura, especialmente com países da América Latina." Superamos fronteiras coloniais e linguísticas. A diversidade viva é o caminho para a paz. E os povos indígenas nos mostram como caminhar.



ODS





DIMENSÃO 5: LIBERDADE DE EXPRESSÃO E CRIAÇÃO

389 indígenas autores: escritores, ilustradores, etnojornalistas, fotógrafos

A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 5º (inciso IX), garante que "é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença." Esse direito fundamental, no entanto, foi historicamente negado aos povos indígenas. Durante séculos, suas histórias foram contadas por outros — antropólogos, historiadores, jornalistas — mas raramente pelos próprios indígenas.

Essa ausência de protagonismo não é apenas uma questão editorial: é uma violência epistemológica. Quando outros falam por você, sua história é distorcida, sua cosmologia é simplificada, sua identidade é estereotipada. **Quem conta a história controla a narrativa.** Quem controla a narrativa controla o poder.

O Plano Nacional de Cultura 2025-2035 reconhece a "**liberdade de expressão, criação e fruição**" como **princípio fundamental** (Princípio 4) e estabelece como eixo estratégico "garantir o direito à liberdade de expressão, criação e fruição cultural" (Eixo 1). A UNESCO, por sua vez, afirma que "**a liberdade de expressão, o pluralismo dos meios de comunicação, o multilinguismo e a igualdade de acesso às expressões artísticas são garantias da diversidade cultural.**"

Nossa tecnologia social materializa esse direito: ao longo de 24 anos, **389 indígenas de 44 etnias** exerceram plenamente sua liberdade de expressão e criação, tornando-se **autores, ilustradores, fotógrafos, etnojornalistas e designers** de suas próprias narrativas. Produziram 33 livros com ISBN, circulação pública e autoria reconhecida — não como "informantes" ou "colaboradores", mas como criadores intelectuais plenos.

Os livros certificam a autoria indígena.

Os livros provam a liberdade de expressão.





DIMENSÃO 5: LIBERDADE DE EXPRESSÃO E CRIAÇÃO

CONTRIBUIÇÃO AMPLA DA TECNOLOGIA SOCIAL:

389 autores indígenas fortalecidos (de 44 etnias (13 estados brasileiros + 7 países: Argentina, Chile, Equador, Colômbia, Bolívia, México, Venezuela).

Aproximadamente 50% ou mais são mulheres

Diversidade de identidades: inclui pessoas LGBTQIAP+

Habilidades desenvolvidas:

Escrita e narrativa (construção de textos autorais)

Fotografia e registro visual

Ilustração e design gráfico

Edição e produção editorial

Etnojornalismo e produção de conteúdo digital

Gestão cultural e produção de projetos

Produção cultural:

33 livros publicados com autoria indígena reconhecida (ISBN)

42.000 exemplares impressos distribuídos gratuitamente

Maioria disponível em PDF para download gratuito

380 citações em teses e dissertações acadêmicas (reconhecimento acadêmico da produção indígena).



destaques de 2025!



MAYÁ TUPINAMBÁ PATAXÓ HÃHÃHÃE É CONTRATADA COMO PROFESSORA UNIVERSITÁRIA APÓS RECEBER O TÍTULO DE NOTÓRIO SABER E PUBLICAR 1 LIVRO.

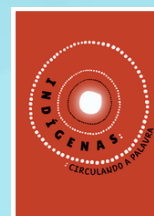


MARIOLA TULIÁN MAIS DE 10 LIVROS PRONTOS!

NHENETY KARIRI-XOCO MAIS DE 10 LIVROS PRONTOS!



KOTA PAYAYA 2 LIVROS SENDO PUBLICADOS!



DIMENSÃO 6: BEM-VIVER

Bem Viver não é um conceito — é uma cosmologia ancestral praticada pelos povos originários há milênios. Enquanto o paradigma ocidental separa ser humano e natureza, indivíduo e coletivo, material e espiritual, o Bem Viver integra tudo: somos parte de Gaia, não seus donos. Não se trata de "desenvolvimento sustentável" — é outra lógica, outro olhar, outra forma de existir.



Nossos livros espalham a semente de Bem Viver





DIMENSÃO 7: DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS

Durante séculos, povos indígenas foram invisibilizados, estereotipados e marginalizados. O racismo estrutural no Brasil opera desde 1500, negando direitos, territórios e dignidade aos povos originários. Ao longo de 24 anos, nossa tecnologia social formou 389 autores indígenas de 44 etnias, rompendo o silenciamento histórico e permitindo que os próprios indígenas contem suas histórias e afirmem suas identidades.

Em **2007**, esse trabalho foi reconhecido com o **Prêmio Direitos Humanos — Promoção da Igualdade Racial**, outorgado pela **Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH)**, em decorrência das ações educativas que os indígenas fazem com seus livros.



Em 2014 nasce "**Pelas Mulheres Indígenas**" para enfrentar a dupla invisibilidade. E de forma colaborativa mais de 30 indígenas de 8 etnias (Xokó-SE, Pankararu-PE, Pataxó de Barra Velha-BA, Tupinambá-BA, Pataxó Hãhãhãe-BA, Karapotó-AL, Kariri-Xocó-AL, Pataxó de Cumuruxatiba-BA) lançam, em abril de 2015 seu livro. No final desse ano, o trabalho foi reconhecido com o **Prêmio Direitos Humanos — Promoção da Autonomia das Mulheres**, outorgado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

Toda diversidade é celebrada pela Thydewa, nossas atividades têm o protagonismo de pessoas que se identificam com diferentes gêneros e orientações.



DIMENSÃO 8: MEMÓRIA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO IMATERIAL

Quando você se lembra de quem é, você existe

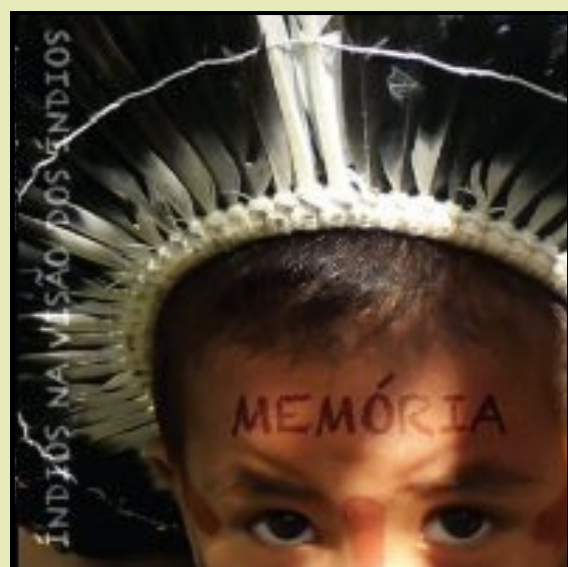


O Censo IBGE 2022 revelou que a **população indígena no Brasil cresceu +44,4% entre 2010 e 2022** (de 896.917 para 1.693.535 pessoas). Esse crescimento não é apenas demográfico — **é identitário: milhares de brasileiros que negavam ou desconheciam suas raízes indígenas recuperaram memória e orgulho de suas origens.**

Durante séculos, ser indígena significava sofrer violência, discriminação e marginalização. Muitas famílias esconderam suas identidades para sobreviver.

Nossos 33 livros, somados às palestras e entrevistas que demos, constituíram uma força que contribuiu para transformar vergonha em dignidade.

Esses resultados já foram reconhecidos por:



- 2004 — Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade (IPHAN-MinC)
- 2008 — Prêmio Internacional "SOMOS PATRIMÔNIO" (Convênio Andrés Bello)
- 2010 — Prêmio Mídia Livre (MinC)
- 2012 — Prêmio Ponto de Memória + Prêmio Memórias Brasileiras (IBRAM)
- 2014 — Prêmio Tecnologia Social (FINEP)
- 2015 — Prêmio Boas Práticas de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial (IPHAN)





DIMENSÃO 9: RETOMANDO O CIBERESPAÇO

A aldeia é global. A voz é ancestral

Indígenas retomam, não apenas, territórios físicos, mas digitais. **"ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS"** a partir de 2004 promoveu a escrita e a comunicação através do digital. Criou um dos projetos de inclusão digital mais ousados e pioneiros no mundo: **ÍNDIOS ON-LINE**. Estimulou mais de **1.000 indígenas** a se apropriarem com consciência das novas ferramentas: Computador, Internet, Celulares e IA... O ciberespaço tem protagonismo indígena!

Transmidiação: As mesmas mensagens indígenas circulam em múltiplos formatos — livros impressos, PDFs, vídeos, podcasts, sites. Ao longo de 24 anos, acumulamos **mais de 15 milhões de visualizações/acessos**. ÍNDIOS ON-LINE teve mais de 8 milhões, veja o rodapé. Nosso canal de **YouTube tem mais de 5 milhões**. O download dos livros e de outros sites que fizemos, mais 2 milhões... O conhecimento indígena não fica confinado — circula globalmente.

**Seu canal
tem
5.441.377
visualizações
até
agora**



19 de nov. de 2015 19 de jul. de 2017 21 de mar. de 2019 19 de nov. de 2020 20 de jul. de 2022 20 de mar. de 2024 19 de nov. de 2025

Uma sinfonia que transcende os instrumentos

DIMENSÃO 10: IMPACTO SISTÊMICO

Imagine uma sinfonia. Você pode ouvir apenas o violino e achar bonito. Mas quando violino, violoncelo, flauta, trompete, piano, percussão, contrabaixo, clarinete e harpa tocam juntos, o resultado não é "9 sons" — **é uma sinfonia**.

Nossa tecnologia social funciona assim.

As 9 dimensões anteriormente citadas são exemplos de como se pode analisar uma música, separando por "instrumentos". Mas, na verdade, **música é mais que a soma dos instrumentos — é harmonia, é beleza, é transformação.**

Quando um povo indígena publica **um livro**, não está apenas "tocando um instrumento" — **está ativando a sinfonia da vida**, onde muito mais que 9 instrumentos tocam simultaneamente. Para os povos indígenas, música é **TORÉ: TO (som) + RÉ (sagrado) — vibração que conecta terra e céu, ancestrais e futuro.**

As 9 dimensões são apenas lentes de análise. **A tecnologia social "Índios na Visão dos Índios" é sinfonia sagrada.**

Nossos livros curam, fortalecem, conectam, demarcam, educam, libertam, inspiram, descolonizam, celebram, transformam...



A Thydewá é uma Organização da Sociedade Civil que nasceu da diversidade para servir à diversidade.

Seus **05 cinco sócios** representam a pluralidade étnica, de saberes e de trajetórias que caracterizam a tecnologia social Índios na Visão dos Índios. Cada um contribui com sua expertise única, garantindo que a governança seja horizontal, ética e profundamente enraizada nos princípios do Bem-Viver.



THYDÊWÁ

HISTÓRIA E DADOS DE ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS



Tecnologia social de autoria e publicação colaborativa indígena



THYDÊWÁ

Novembro de 2025

MANUAL PRÁTICO ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS



Tecnologia social de autoria e publicação colaborativa indígena



THYDÊWÁ

Setembro de 2025

Este e mais 5 (cinco) anexos apresentam a tecnologia social: “Índios na Visão dos Índios”; para visitá-los é só clicar na capa.



ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS TRANSMIDIAÇÃO E INOVAÇÃO DIGITAL



do K7 à IA



THYDÊWÁ

Tecnologia Viva e Replicável




THYDÊWÁ